
O funeral da Rainha Elizabeth II como acontecimento midiático: olhares para a cobertura da CNN Brasil¹

Calvin COUSIN²

Michele NEGRINI³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

Muitas vezes, eventos têm suas configurações traçadas para serem apresentados no cenário midiático. O funeral da rainha Elizabeth II, a exemplo, foi dotado de protocolos e contou com convidados internacionalmente conhecidos, demonstrando grande proporção. Desta forma, a cerimônia emerge como espaço para a consolidação de um acontecimento midiático, voltado para atingir um público em nível mundial e ter cobertura dos mais diversos veículos de comunicação. Este artigo objetiva analisar a cobertura do funeral realizada pela CNN Brasil, buscando observar as suas características enquanto acontecimento de tal ordem. A pesquisa é de caráter exploratório e é efetivada através do método observacional. Percebemos, assim, que o funeral exaltou uma figura heróica, contou com extensa cobertura e pré-planejamento, além de apresentar conflitos, interações simbólicas e enquadramento no espaço e no tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Acontecimento Midiático; Cobertura Jornalística; Rainha Elizabeth II; Método Observacional; Morte.

PERSPECTIVAS INTRODUTÓRIAS

Diversas temáticas permeiam constantemente a pauta social e fazem parte de reflexões nos mais diversos espaços. A finitude humana é um assunto que suscita olhares distintos e que evoca ponderações diversas no cotidiano das pessoas. Como diz Negrini (2010, p.13): “A morte é uma temática dotada de complexidades. Ela é um assunto cujas reflexões, hipóteses e argumentos, fora do campo biológico, têm especificidades das características de cada cultura e, também, do período histórico em que vai ocorrer”. No âmbito das discussões sobre a morte, faz parte do pensamento de Simmel (1998) que ela é uma temática estrutural para os seres humanos, pois eles se entendem a partir do reconhecimento da condição de mortal.

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Jornalista, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM/UFRGS, e-mail: calvin.cousin96@gmail.com.

³ Jornalista, doutora em Comunicação pela PUCRS, professora do curso de Jornalismo – UFPel, e-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.

A morte não pode ser visualizada de forma isolada e desvinculada de um contexto de vida (NODARI, 2007). Castells (1999) aponta que o tempo na sociedade e na vida é medido pela morte e que é ela que estabelece o tempo cronológico da vida do homem. Como a morte tem papel delineador para a vivência, os hábitos diante do fim da vida, as formas de entendimento sobre o tema e os ritos fúnebres têm amplas relações com práticas culturais e sociais. Ela é um dos acontecimentos que dá forma à vida. No caso da morte da rainha Elizabeth II, do Reino Unido, que faleceu no dia 8 de setembro de 2022, aos 96 anos, após 70 anos de reinado, e que se tornou uma figura popular e facilmente reconhecível, houve comoção em nível mundial, com líderes políticos e o público em geral prestando homenagens, pelas redes sociais e até em frente ao Palácio de Buckingham, com os meios de comunicação dando amplo espaço ao fato.

Com um reinado tão longo, a rainha Elizabeth II, filha do Rei George VI (que se tornou a herdeira direta do trono britânico quando tinha apenas 10 anos de idade), foi testemunha de diversos fatos históricos significativos. Foi coroada em 2 de junho de 1953, sendo, de acordo com Pavan (2022), o evento a primeira cerimônia a ser transmitida ao vivo pela televisão. Pavan também acrescenta que Elizabeth viveu em um mundo bipolar - atravessado pela Guerra Fria que ocupou o eixo central do século XX - e que conheceu 15 primeiros-ministros britânicos. Já Brum (2022) destaca que entre os fatos importantes que ocorreram depois do nascimento da monarca estão: a descoberta do antibiótico e do DNA; a prisão, ascensão e morte do líder africano Nelson Mandela; implantação dos regimes ditatoriais do Brasil (Estado Novo, de Getúlio Vargas e Golpe de 1964); construção e queda do Muro de Berlim; e o fim da União Soviética, em 1991. Brum (2022) ainda destaca que Elizabeth II viu a ocorrência de várias guerras, eis a 2ª Guerra Mundial, entre 1939 e 1945; Guerra Civil Chinesa, entre 1946 e 1949 (ainda que não estivesse no trono nestas duas ocasiões); Guerra da Coreia, entre 1950 e 1953; Guerra do Vietnã, entre 1955 e 1975; Guerra das Malvinas, em 1982; Guerra do Iraque, entre 2003 e 2011; e a Guerra do Afeganistão, em 2001.

Elizabeth II se tornou uma figura peculiar por ser a monarca com o reinado mais longo já conhecido, por ter sido testemunha desse longo período histórico e, ainda, por fazer parte da família real britânica, que perpassa amplamente o imaginário do público⁴. A significação da rainha pode ser visualizada nas palavras de Vivian Oswald, em um

⁴ Não temos como intenção debater aqui quais são os motivos diversos e as relações de poder dadas que fazem com que essa presença seja tão demarcada.

especial para O Globo: “Lilibeth, como era chamada pelo pai, o rei George VI, de quem herdou a Coroa em 1952, quando tinha apenas 25 anos, se tornou para os súditos símbolo de força e estabilidade em um mundo onde tudo parece tão efêmero” (OSWALD, 2022, s/p). Desta forma, a sua morte foi tema de grandes coberturas dos meios de comunicação. Um caso que cabe ser citado é o da BBC, que em reportagem do UOL, publicada em 8 de setembro de 2022, assinala que a emissora já se preparava para a cobertura do funeral há cerca de 25 anos.

A partir da significação de Elizabeth II em nível mundial e das grandes coberturas ocorridas da sua morte e do seu funeral, este artigo tem como objetivo analisar a cobertura televisiva⁵ do funeral realizada pela CNN Brasil, observando as características do acontecimento midiático que se desenvolveu. A pesquisa é de caráter exploratório, delineada, metodologicamente, pela perspectiva observacional (GIL, 2008), que nos permite realizar inferências sobre aquilo que foi apresentado ao nos ampararmos pelo quadro teórico apropriado. Como eixos analíticos, tomamos, portanto, as seguintes características apontadas por Elihu Katz (2016) para a concretização de um acontecimento midiático: 1) transmissão ao vivo; 2) organização e pré-planejamento; 3) existência de drama ou ritual, de símbolos e de consequências; 4) presença de conflito e de solução; 5) destaque a um grupo ou uma personalidade heroica; 6) enquadramento no tempo e no espaço.

ACONTECIMENTO MIDIÁTICO: A MORTE É APRESENTADA

O sociólogo francês Louis Quéré (2005) compreende “acontecimento” através de uma perspectiva hermenêutica. O acontecimento é hermenêutico pois lança novos sentidos sobre seus agentes, e também é ressignificado por eles. Desperta sensações e reações por parte dos indivíduos, que atribuirão importância para os fenômenos acontecimentais e significados para tais eventos, de forma que estes frequentemente são singularizados como momentos marcantes na vida de um sujeito. Os acontecimentos emergem, sobretudo, através do choque do inesperado com a normalidade, e no processo descontinuum ou desordenam aquilo que antes era ordenado, introduzem o novo e afetam aqueles que lhes foram expostos. Acontecimentos, de modo geral, podem funcionar como referência na vida dos sujeitos, como casamentos, nascimentos de filhos

⁵ Observamos a cobertura no canal da CNN Brasil no YouTube e no site da CNN Brasil.

ou mortes de entes queridos. Muitos acontecimentos possuem caráter inaugural ou de fechamento, pois podem demarcar o início de uma época ou o seu final. Utilizando o exemplo biográfico, os acontecimentos máximos seriam, justamente, o início e o fim da jornada: o nascimento e a morte.

Os acontecimentos devidamente programados para serem noticiados, por sua vez, podem se encaixar na categoria de acontecimentos midiáticos. Para Katz (2016, p. 85), é fundamental que os acontecimentos midiáticos sejam transmitidos ao vivo e com elevado grau de pré-planejamento, e “uma parte do drama é que, embora o resultado possa ser desconhecido, o acontecimento é esperado e publicado”. Segundo o autor, ainda é essencial que haja um grande drama ou ritual em torno do acontecimento midiático, que deve carregar emoções, símbolos e consequências, além de possuir um herói, que pode ser um indivíduo ou uma equipe. De acordo com Katz (2016, p. 86), “um acontecimento (midiático) noticioso típico é a ‘estória de um conflito’”. Esses conflitos, sinaliza o autor, estão mais próximos de “conflitos rituais” do que de “amargas hostilidades”, e incluem competições esportivas ou qualquer outra disputa por titulações, das quais emergem vencedores sem a intenção explícita de exterminar os adversários. Possuem um ar sagrado e referencial – no sentido de ritual –, remetente à nobreza humana e à unidade social, e podem ser pensados como uma grande festa. De acordo com o autor, tipos de acontecimentos midiáticos, além das competições, incluem missões heróicas, como jornadas espaciais, e ocasiões de Estado, como posses de presidentes, sempre programados e carregados de elementos dramáticos, com um sentido de ocasião. Propõem a união entre os indivíduos, com o intuito de comemorar o triunfo de seus heróis após momentos de expectativa e tensão. Desta forma, compreendemos que a morte, com sua força organizadora de acontecimento máximo, se transforma em um acontecimento midiático por excelência ao carregar as características atribuídas por Katz (2016), típicas dos funerais e enterros de grandes figuras como foi o caso da rainha Elizabeth II. Um dos maiores rituais possíveis é transmitido ao vivo e a cores para o mundo inteiro assistir.

PERSPECTIVAS ANALÍTICAS

O funeral da rainha Elizabeth II aconteceu na manhã do dia 19 de setembro, em Londres. Contou com a presença de um amplo público, como políticos, chefes de

Estado e membros de famílias reais europeias. Matéria do site Exame aponta que depois de onze dias de luto nacional, ocorreu um funeral de Estado na Abadia de Westminster e que depois o caixão foi transportado para o castelo de Windsor, onde ocorreu uma cerimônia privada para a família.

Entre os momentos significativos da cerimônia de despedida de Elizabeth II, matéria da BBC News Brasil destaca que o caixão da monarca fez seu trajeto final do hall de Westminster, no centro de Londres, até o Castelo de Windsor, com a companhia de grande multidão silenciosa. “O caixão foi conduzido em uma ensaiada e sóbria procissão por Londres, envolvendo 3.000 militares” (BBC NEWS BRASIL, 2022, s/p).

Cada um dos momentos de procissão e do funeral tiveram o acompanhamento de um grande número de pessoas pelo mundo. “[...] além da transmissão ao vivo por TV, rádio e internet, a cerimônia também foi exibida em telões espalhados pela capital e em mais de 100 cinemas britânicos” (BBC NEWS BRASIL, 2022, s/p). A matéria da BBC News Brasil aponta que uma procissão fez o transporte do corpo da monarca para Wellington Arch, no Hyde Park Corner, em Londres. Depois, foi transportado, através de um carro funerário, para o Castelo de Windsor. Uma terceira procissão no dia contou com a presença dos membros da família andando atrás do carro fúnebre, levando o corpo para a Capela de São Jorge, onde seria realizada a missa de corpo presente. A reportagem ainda acrescenta: “Mais tarde - às 19h30 de Londres (15h30 pelo horário de Brasília) - a Família Real voltou à capela para um evento privado em que Elizabeth foi enterrada ao lado de seu falecido marido, o Duque de Edimburgo” (BBC NEWS BRASIL, 2022, s/p).

As cerimônias de despedida de Elizabeth estavam repletas de rituais e permeadas por momentos ditados por tradições da monarquia inglesa. Como foi um acontecimento que ditou os rumos de pautas que circularam nos veículos de comunicação em nível mundial, cabe analisar a cobertura da CNN Brasil a partir da perspectiva do acontecimento midiático (KATZ, 2016). Vamos observar a partir dos eixos: 1- Transmissão ao vivo; 2- Organização e pré-planejamento; 3- Existência de drama ou ritual, de símbolos e de consequências; 4- Presença de conflito e de solução; 5- Destaque a um grupo ou uma personalidade heroica.; 6 Enquadramento no tempo e no espaço. A pesquisa será exploratória⁶ e de caráter observacional.

⁶ Gil (2008, p. 27) explica que “pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para

1- Transmissão ao vivo

Como já falamos, o falecimento da rainha evoca diversos rituais, desde o dia que ocorreu, até o sepultamento. A cobertura noticiosa de diversos países voltou seu olhar para Londres para acompanhar os detalhes de cada passo do velório. Muitos, como a CNN, transmitiram o funeral ao vivo. Emerim e Brasil (2011, p.4) caracterizam cobertura:

De imediato, a questão que se enfrenta é a da própria definição do termo cobertura. Assim, recorrendo à experiência profissional e aos manuais de produção, pela acepção mais comum e tradicional da área televisiva, cobertura corresponde ao trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado.

E sobre grandes coberturas, eles assinalam: “[...] uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas ou, pelo menos, as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística” (EMERIM e BRASIL, 2011, p.4; grifo dos autores). Em relação à morte de Elizabeth II, desde o dia 8 de setembro até o dia do funeral, a pauta foi amplamente explorada pela CNN Brasil, a qual estamos observando.

No dia do funeral, a jornalista Muriel Porfiro entrou ao vivo, às cinco horas da manhã na TV, em estúdio, para a cobertura do evento. Ela introduz que não está sozinha na cobertura, mas acompanhada pelo editor internacional Diego Pavão, o qual situa o espectador que o evento do dia é um funeral de Estado. Na transmissão televisiva, é enfatizado pelos jornalistas que é a primeira vez que é televisionado um funeral de um chefe de Estado com a proporção da rainha.

A cobertura da CNN Brasil ainda enfatiza que o tempo da cerimônia vai ser cronometrado, totalmente televisionado e não será aberto ao público. É uma cerimônia restrita a chefes de Estado, políticos e membros de outras famílias reais. Ainda são enfatizados os nomes de diversos chefes de Estado presentes e de suas esposas, como os presidentes da França, dos Estados Unidos e do Brasil. “A gente segue, claro, acompanhando ao vivo essas imagens. A gente ouvia há pouco a tradução simultânea de Denise Bobadilha, com a nossa conexão direta com a CNN internacional. Sempre que

estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas”.

necessário, a gente vai ir direto fazer esta conexão. Você acompanha absolutamente tudo o que acontece no funeral da rainha mais longeva da história [...]”, diz a jornalista da CNN Brasil.



Figura 1- cobertura da CNN Brasil ao funeral da Rainha Elizabeth II (Fonte: reprodução/ YouTube)

É destacado, na cobertura da CNN, que a lista de convidados não foi divulgada pela família real, mas que será televisionada, começando pontualmente às sete horas, ganhando proporções de um grande evento festivo (KATZ, 2016).

Como o funeral seria um “grande evento”, televisionado para o mundo inteiro, ele foi digno de uma grande cobertura ao vivo que o antecedeu. Desta forma, cabe inferir que a abordagem da morte no meio televisivo é impregnada de aspectos culturais e sociais relacionados ao tema e, também, ditada pelas perspectivas editoriais dos meios de comunicação. Mas, tratando-se da morte de uma rainha com a significação de Elizabeth II, as cerimônias de despedida ganham maiores contornos festivos e políticos, do que de um espaço de demonstrações de luto e de tristezas. Tratando-se da apresentação da morte no telejornalismo, concordamos com Marialva Barbosa: “O que importa é o cortejo, as cenas de despedida, com lenços brancos sendo acenados, o choro convulsivo, o olhar de tristeza e a caminhada. As cenas da viagem é o que orienta a lógica narrativa das mortes midiáticas” (BARBOSA, 2004, p.2).

2- Organização e pré-planejamento;

A pesquisadora Viviane Borelli (2007, p.57) salienta que a televisão vai além de um espaço de transmissão de conteúdo, sendo perpassada por complexidades.

A televisão é compreendida aqui não como canal ou suporte e nem como um lugar que apenas transporta conteúdos, mas em toda a complexidade de seu dispositivo, que abrange agenciamentos, codeterminações e cruzamentos, sejam visíveis ou não [...]

Tomando o olhar de Borelli acerca da televisão como sendo impregnada de

complexidades, pode-se dizer que a cobertura do funeral da rainha Elizabeth II pela CNN Brasil é perpassada por uma organização para prender a atenção do público. Como já mencionamos, na cobertura da CNN Brasil pré-funeral, foram dadas informações sobre a cerimônia e sobre o que será visualizado pelo público. É demarcado que este é um funeral de Estado, com diversos membros do corpo político de muitos países (eis o então presidente do Brasil e a primeira-dama), a acontecer na Abadia de Westminster – local onde a monarca foi coroada nos anos 1950 e onde ocorreram os casamentos de diversas figuras da família real britânica.

Retomando o pensamento de Borelli (2007), que aponta que o dispositivo televisivo vai além de um suporte técnico, cabe inferir que “é possível pensar a TV como um espaço de divulgação de rituais que são produzidos justamente com o pensamento de atingir o patamar de ser um espetáculo televisivo e de abarcar o interesse de grande número de espectadores” (NEGRINI, COUSIN, 2021, p. 266). Durante a cobertura feita pela CNN Brasil, antes do funeral, os repórteres destacam diversos pontos previamente planejados do funeral, os quais foram delineados para cumprir os rituais adequados para a morte da monarca. Nesta perspectiva, a âncora Muriel Porfiro conversa, ao vivo, com o doutor em comunicação e especialista em realeza britânica, Renato Vieira, que diz que as ocorrências, em Londres, em torno da morte da rainha estão dentro do que foi previsto previamente. Ele salienta, também, que a rainha deixou a sua marca e que as cerimônias de despedida estão relacionadas à significação da monarca. Ele diz ainda que em relação aos rituais fúnebres, as cerimônias foram delineadas pela própria Elizabeth II e que, até mesmo, o modelo do caixão foi discutido em vida pela rainha. Renato Vieira, em sua fala ao vivo na CNN Brasil, salienta: “Mesmo sendo um ritual fúnebre, é de uma precisão, de uma direção teatral. Todo mundo sabe o seu local [...] É extremamente organizado, como um grande espetáculo. É notável. Esse lado cerimonial, hoje, atinge o seu ápice, mesmo sendo um momento de comoção e de tristeza”. As palavras de Vieira demonstram o grande planejamento de todos os ritos que envolvem as homenagens e o funeral da rainha e demonstram que o evento é um grande espetáculo. As operações fúnebres da realeza britânica, destaca a jornalista, são chamadas de “pontes” (por representarem uma espécie de passagem entre o mundo dos vivos e a morte), com a de Elizabeth II sendo a “Operação Ponte de Londres”, acontecimento que estava organizado há décadas para se suceder da maneira

mais dinâmica e organizada possível, abrindo espaço para a atuação de seus herdeiros e para que os meios de comunicação pudessem, propriamente, noticiar e transmitir os ritos.

3- Existência de drama ou ritual, de símbolos e de consequências

Como abordado no final do tópico anterior, o funeral foi dotado de rituais e de simbologias (como é próprio destas cerimônias em praticamente qualquer cultura), os quais tiveram ampla significação no contexto do falecimento de um membro da monarquia britânica. Em relação a rituais, cabe convocar as ponderações de Mariângela Benine Ramos Silva (2008, p. 3):

Desta forma, parece ser possível verificar que em todas as sociedades os grupos sociais possuem acontecimentos ou eventos especiais e únicos. Porém, para cada um há um significado diferente. Por exemplo, no Brasil, a Copa do Mundo e uma formatura são eventos com rituais reconhecidos por diferentes classes sociais e culturais. Um ritual bem executado é mais que uma mera apresentação teatral. Usa elementos e símbolos e evoca a cultura e as crenças dos povos envolvidos.

Na cobertura da CNN Brasil ao funeral, é enfatizado que, durante o evento, símbolos da monarquia foram removidos de cima do caixão. A cobertura destaca que há uma ritualidade na retirada de tais objetos do caixão (Figura 2), para que sejam colocados no altar.

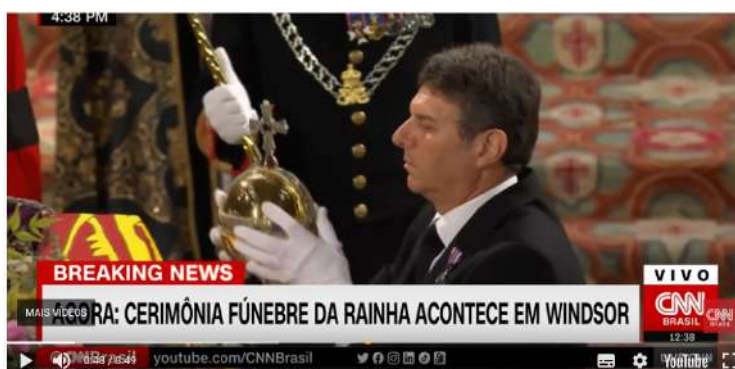


Figura 2- retirada de objetos do caixão da Rainha Elizabeth II (Fonte: reprodução/ CNN Brasil)

Há explicações, na cobertura televisiva, para a significação de cada elemento que é deslocado do caixão e levado ao altar. Outro momento significativo da cerimônia é o instante em que Charles III se aproxima do caixão de Elizabeth II. As comentaristas enfocam que será vista como uma cena icônica, em que o novo monarca vai colocar a bandeira dos granadeiros para proteger a rainha falecida.



Figura 3 - Charles III coloca bandeira no caixão da Rainha Elizabeth II (Fonte: reprodução/ CNN Brasil)

Continuando os rituais no evento, a cobertura ressalta que depois de Charles III colocar a bandeira, o responsável pela administração da Casa Real, Lord Chamberlain, quebra um bastão branco, que enfatiza a finalização dos trabalhos da rainha à monarquia britânica. E, depois, se deu a passagem de símbolos ao rei Charles.

No decorrer da cobertura é enfocado que tudo é realizado como havia sido previamente planejado. A cerimônia foi perpassada por rituais e simbologias decorrentes das tradições da monarquia britânica e de sua cultura secular. E, conseqüentemente, há o delineamento de um evento funerário que une tradição, cultura e política com abrangência mundial, afetando os diversos países do Commonwealth (e os demais que se interessam por tais questões).

4- Presença de conflitos e de solução

Ao se tratar de um acontecimento político, podemos dizer que os conflitos sempre se fizeram presentes na vida da família real britânica (para o deleite de inúmeras obras audiovisuais) e, também, no funeral da rainha Elizabeth II, como puderam ser visualizados aos olhos da mídia. Registro de matéria do site CNN, com o título “Príncipe Harry e esposa ficam na segunda fileira no funeral da rainha”, apontam que o segundo filho de Charles e sua esposa sentaram atrás do Rei e da rainha consorte, Camilla, dos príncipes William, Andrew e da princesa Anne. A reportagem da CNN explica o posicionamento dos membros reais no evento: “A acomodação dos

convidados se dá por ordem de nascimento, esclarecendo a posição do duque e da duquesa de Sussex” (CNN, 2022, s/p).

Mas, cabe apontar que o assunto chamou a atenção e despertou como um possível conflito pelo fato de Harry e sua esposa, Meghan Markle, terem deixado de ser membros ativos da realeza e ido viver nos Estados Unidos. Mesmo com uma explicação técnica para a distribuição de cadeiras para o funeral, o posicionamento do filho mais novo de Charles e de sua mulher alimentou a perspectiva de conflitos que aparentemente entram em trégua em momentos que envolvem a morte.

5- Destaque a um grupo ou uma personalidade heroica

Sendo a morte um momento propício para rememoração, é evidente que o funeral e sua cobertura exaltam a figura de Elizabeth II como uma personalidade heróica e durável, destacando em diversos momentos os acontecimentos que havia presenciado e a influência que teve em diversas ocasiões no seu país e no mundo.

Apesar da cerimônia contar com rituais e protocolos e ter momentos que evocam a cultura da monarquia britânica, tudo é centrado na existência da figura de Elizabeth II, com ênfase ao seu reinado que perpassou sete décadas. Personalidades políticas foram destacadas, como a primeira-ministra britânica, o presidente francês e o então presidente brasileiro. Da mesma forma, Charles III e os demais membros da família britânica são enfocados e citados, mas Elizabeth II, mesmo falecida, tem um protagonismo explícito no cerimonial. No mesmo ano em que foi celebrado o seu jubileu de platina, a rainha é exaltada no maior acontecimento de sua trajetória⁷.

6 - Enquadramento no tempo e no espaço.

Por fim, o enquadramento no tempo e no espaço é fundamental para a compreensão do acontecimento: a cerimônia aconteceu em Londres, passando por lugares de evidência da cidade, com uma comoção internacional no ano em que a monarca havia celebrado setenta anos de reinado.

⁷ Tomamos, aqui, como referência o fato de que a morte se torna um dos acontecimentos máximos na existência de um indivíduo. Pelo fato do seu pai não ter nascido herdeiro direto ao trono britânico (assumiu após a renúncia de seu irmão mais velho, quando Elizabeth já era nascida), podemos dizer que, realmente, a morte de Elizabeth II foi um marco maior do que o seu nascimento.



Figura 4 - Imagens de Londres na cobertura do funeral (Fonte: reprodução/ YouTube)

Desde o início da transmissão, a âncora da CNN Brasil já começa introduzindo que serão vistas imagens de Londres, do Palácio de Buckingham. E durante a cobertura, conforme informações do funeral são dadas, imagens de pontos importantes da cidade vão sendo mostrados. Em alguns casos, as imagens da cidade são cobertas pelos jornalistas dando informações em *off*. É neste momento em que, realmente, se contextualiza o acontecimento, seja pelas demarcações temporais do reinado - e, conseqüentemente, morte - ou pelo enquadramento do território que os cortejos passarão, e que serviram de palco para muitos dos feitos e momentos importantes da trajetória de Elizabeth II.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos, portanto, que o processo fúnebre da Rainha Elizabeth II foi um acontecimento midiático típico, ainda que em sua relativa tragicidade inverta as características mais tradicionais dos “dias de festa” que são próprias da categoria. A cobertura realizada pela CNN Brasil, assim como a de outros veículos, narrativizou o acontecimento e contribuiu para a sua compreensão, ao destacar os potenciais conflitos e figuras heróicas envolvidas, e situá-lo no tempo e no espaço. É um momento no qual a morte, tema tão caro para o jornalismo, tem centralidade, e sendo o fim (e um dos acontecimentos) absoluto, ajuda a organizar os eventos que a antecederam e dar magnitude ao que foi visto, referenciando o caráter de resignificação apresentado por Quéré (2005) para a ordem acontecimental.

Embora a morte, em si, não seja algo planejado, seu papel organizador é observável na vida de qualquer indivíduo, por dar-lhe finitude e, ao seu modo, determinadas etapas que devem ser percorridas. No caso da morte e funeral de Elizabeth

II, aos 96 anos, observamos que a sua travessia pela “Ponte de Londres” foi marcado por elevado grau de produção (tanto pelo pré-planejamento quanto pelos ritos diversos que são tradicionais à realeza britânica), e, transmitida ao vivo e a cores para o mundo inteiro ver, fez da morte um espetáculo. As cerimônias fúnebres de figuras ilustres são, portanto, material rico para compreensão enquanto acontecimentos elevados ao grau midiático, além de demais cerimônias de Estado, como posses de presidentes e coroações de reis, que são apresentadas de forma que marca não apenas a história de uma região, mas o cotidiano das pessoas ao se colocarem como referencial e situações para a construção de uma memória coletiva.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.
- BBC NEWS BRASIL (2022). **Elizabeth 2ª**: cinco momentos do funeral da rainha em Londres. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62959774#:~:text=O%20caix%C3%A3o%20da%20rainha%20Elizabeth,Londres%2C%20onde%20ela%20foi%20velada>. Acesso em: 24 de abril de 2023.
- BRUM, Matheus (2022). **De todas as Copas ao nascimento de 99% do mundo**: o que Elizabeth 2ª viveu. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/09/15/fatos-historicos-presenciados-pela-rainha-elizabeth-2.htm>. Acesso em: 24 de abril de 2023.
- BORELLI, Viviane. **Da festa ao cerimonial midiático**: as estratégias de midiaticização da teloromaria da Medianeira pela Rede Vida. 2007. 380 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CNN BRASIL. **Acompanhe a cobertura do funeral da rainha Elizabeth II**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ks61NNxAPkg&t=4476s>. Acesso em: 24 de julho de 2023.
- CNN BRASIL. **Veja o momento da retirada do cetro, da coroa e da quebra do bastão em Windsor**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/veja-o-momento-da-retirada-do-cetro-da-coroa-e-da-quebra-do-bastao-em-windsor/>. Acesso em: 25 de julho de 2023.
- CNN BRASIL. **Assista à cerimônia fúnebre da rainha Elizabeth II em Windsor**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZOOpYS13rn6U&t=14s>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

CNN BRASIL. **Príncipe Harry e esposa ficam na segunda fileira no funeral da rainha;** entenda. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/principe-harry-e-esposa-ficam-na-segunda-fileira-no-funeral-da-rainha-entenda/>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

EMERIM, Carlida; BRASIL, Antonio. Coberturas em telejornalismo. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **Anais**. Recife: Intercom, 2011.

EXAME (2022). **Funeral de Elizabeth II:** cerimônia marcou fim das homenagens à rainha. Disponível em: <https://exame.com/mundo/ultimas-noticias-funeral-elizabeth-ii-hoje/>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

KATZ, Elihu. Os acontecimentos midiáticos: o sentido de ocasião. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 83-93.

NEGRINI, Michele; COUSIN, Calvin. O concurso Miss Universo como acontecimento midiático: olhares para a cerimônia de 2019. **LÍBERO**, v. 49, p. 257-275, 2021.

NEGRINI, Michele. A morte em horário nobre: a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro. **Tese** defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do RS, 2010.

NODARI, Paulo César. Breves considerações filosóficas acerca da morte. In BRUSTOLIN, Leomar Antonio (org). **Morte: uma abordagem para a vida**. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

OSWALD, Vivian (2022). **Morre Elizabeth II, a rainha que uniu os britânicos em crises, guerras e dilemas da monarquia**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/09/morre-elizabeth-ii-a-rainha-que-uniu-os-britanicos-em-criises-guerras-e-dilemas-da-monarquia.ghtml>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

PAVAN, Bruno (2022). **Testemunha da História, Rainha Elizabeth II viu várias transformações no mundo**. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/testemunha-da-historia-rainha-elizabeth-ii-viu-varias-transformacoes-no-mundo/>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, v. 6, n. 6, p. 59-76, 2005.

SILVA, Mariângela Benine Ramos. Ritos, rituais e cerimônias e suas implicações políticas nas organizações contemporâneas. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS, 2., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** São Paulo: Abrapcorp, 2008.

SIMMEL, George. A metafísica da morte. Trad. Simone Carneiro Maldonado. **Política & Trabalho**, ano 14, n. 14, João Pessoa, PPGS-UFPB. Setembro 1998, pp. 177-182.

UOL (2022). **Jornalista: BBC preparava há 25 anos cobertura do funeral da rainha** Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/09/08/jornalista-bbc-preparava-ha-25-anos-cobertura-do-funeral-da-rainha.htm>. Acesso em: 01 de maio de 2023.